

**Circulação & interações digitais:  
para se pensar os fenômenos comunicacionais *online***

***Circulation & Digital Interactions: theoretical and methodological  
contributions to reflect on the online communication phenomena***

João Vitor CORRÊA<sup>1</sup>

## **Resumo**

Nestes tempos de hibridização da experiência - em que novos espaços de sociabilidade se configuram com o avanço das tecnologias de comunicação -, os discursos que circulam pela dinâmica fluida do ciberespaço passam por processos de redesenhos e redescobertas por parte de seus agentes. Procura-se trabalhar neste artigo os fenômenos comunicacionais em ambientes de hipermídia, sob uma perspectiva inclinadamente teórico-metodológica. Os conceitos de circulação e interações digitais serão explorados, para que em seguida se reflita sobre o *dispositivo circulatório* enquanto teoria e metodologia de investigação para se pensar os processos interacionais *online*.

**Palavras-chave:** Circulação. Interações Digitais. Teoria & Metodologia.

## **Abstract**

In these times of hybridization of experience - in which new sociability places are formed as communication technologies evolve, the discourses that circulate through the fluid dynamics of cyberspace are rebuilt and rediscovered by their agents. This paper aims to reflect on the online communication phenomena, under a theoretical and methodological perspective. The concepts of circulation and digital interactions will be explored. Then, it will be possible to reflect on the concept of *circulatory device* as both theory and investigational method to examine online interaction processes.

**Keywords:** Circulation. Digital Interactions. Theory & Methodology.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Jornalismo pela Graduate School of Journalism da University of British Columbia (Vancouver, Canadá). E-mail: correa.jvte@gmail.com

## Introdução

É consensual que, nestes tempos de hibridização da experiência da vida cotidiana, cada vez mais os meios de comunicação (tanto de massa quanto as ‘novas mídias’) exercem papel relevante nas interações entre os Campos Sociais. Neste sentido, observamos que os diversos setores sociais vêm se dotando de lógicas e/ou posturas de mídia ao acionarem suas interações (Braga, 2014), fazendo instituir o processo de *midiatização* da sociedade.

Vivemos uma geração tecnológica em que diversas plataformas (mídias) convivem, inserem-se nos lares, trabalhos e por toda a extensão da vida; é a chamada "cultura hiper-híbrida". Essas mudanças, atenta Santaella (2007, p. 201), "criam efeitos sociais, culturais, técnicos e cognitivos cujo nível de efetividade e penetração depende da natureza e do alcance da implementação das tecnologias em cada cultura".

Este artigo se guia pelo desafio de desenvolver recortes teórico-metodológicos para se pensar as interações digitais a partir dos estudos de Circulação. Percebemos as cenas interacionais *online* como processos comunicacionais complexos e que envolvem uma problemática que há muito se distancia dos pressupostos dos primeiros estudos de comunicação, em que uma ênfase desnecessária era dada aos efeitos, em detrimento de todo o resto que compõe um processo comunicacional. Ao trazer os estudos de Circulação como ancoradouro das proposições teórico-metodológicas a serem desenvolvidas, queremos compreender as injunções decorrentes da relação sujeito (e seu papel na cadeia discursiva), meios (novos canais, as novas mídias) e máquina (as ferramentas tecnológicas que dão vida ao virtual, e permitem ao sujeito se inserir no ciberespaço). A Circulação, nesse sentido, vai se instituir como nosso objeto de investigação. Pretendemos, ao final da reflexão, propor categorias de análise empírica para se pensar as interações digitais em ambientes de hiper-mídia. Mas antes que prossigamos para tal reflexão, julgamos necessário fazer um delineamento dos conceitos de ciberespaço e hiper-mídia, com vistas a melhor situar a problemática que aqui se tenta refletir.

## 1 Ciberespaço & Hipermissão

De acordo com Santaella (2010) o termo ciberespaço foi cunhado por Gibson em seu livro *Neuromancer*, de 1984. Desde lá já se pensava num universo informacional carente de materialidade. No que se refere à atualidade do conceito, a autora esclarece que o mundo virtual é

um espaço de interação, cujo acesso se dá por meio de interfaces dos mais diversos tipos que permitem navegar a bel-prazer pela informação hipermidiática e reenviá-la para quem quer que seja, de qualquer e para qualquer lugar do planeta. (SANTAELLA, 2010, p. 71).

Podemos pensar o ciberespaço como um lugar de confluências, construído a partir da ação de diversos atores (de ordem subjetiva e tecnológica). Fisicamente indisponível, esse espaço se revela em sua complexidade a partir do instante em que defini-lo já não se traduz em fácil tarefa. Suas características plurais e de ordens diversas desafiam a compreensão, ao mesmo tempo em que fascina aqueles que se prestam a compreendê-lo. Por seu caráter movente, plural, o ciberespaço resulta de uma concatenação absurda - no sentido positivo que a palavra pode expressar - de lógicas e processos imbricados e que desafiam a imaginação. Programado e possível a partir de redes complexas de cabos, modems e sistemas elétricos, "trata-se de um ambiente imaterial desterritorializado, que opera com diferentes fluxos de informação dispostos de modo não linear formando uma rede digital com conexões sucessivas" (NUNES, 2009, p. 219).

Com sua crescente complexidade, diversos percursos analíticos podem (e devem) ser buscados para a compreensão desse espaço. No entanto, entendemos que recortes epistemológicos se fazem necessários quando se intenta analisar os fenômenos que desfilam na infinita malha sígnica do ciberespaço. Buscamos aqui refletir sobre o ciberespaço como um novo lugar de operações de produção de sentidos, em que a circulação se revela como processo pontual.

Dito isto, parte-se para a delimitação do conceito de Hipermissão: segundo Feldman (1995, p. 4) apud Santaella (2007, p. 317) hipermissão significa "a integração sem suturas de

dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital”. Sob essa perspectiva, a linguagem hipermidiática inaugura “processos de comunicação inteiramente novos, interativos e dialógicos.” (Ibidem, p. 293).

Tanto é que por ser um meio dialógico, de interação, a hipermídia convida ao seu encontro, à sua construção. Como diz Santaella (Ibidem, p. 321): "a hipermídia pressupõe um desenho estrutural para a inserção interativa do leitor imersivo ou navegador. No seu caráter movente, fluido, submetido às intervenções do usuário, as estruturas da hipermídia constituem-se em ‘arquiteturas líquidas”.

## **2 Miatização & Circulação: pensando o *dispositivo circulatório***

José Luiz Braga, em seu artigo *Circuitos versus Campos Sociais*, nos diz que, na sociedade *em vias de* miatização, os processos interacionais se caracterizam como *tentativos*, e ao se caracterizarem como tal, vão delineando o espaço social como um esforço por parte de todos os agentes - de ordem subjetiva, de mediação e tecnológica - em se comunicar. E isso leva à constatação de que há uma "aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade" (Braga, 2012a, p. 5). Por processos diferidos e difusos, portanto, a sociedade vai tentativamente se organizando, testando possibilidades e gerando circuitos múltiplos.

Em outro texto (Braga, 2014), o autor atenta para o uso de certas expressões em trabalhos da área que, por força da repetição, parecem cristalizadas. Ele examina as diferenças entre *lógicas de processos sociais* e *lógicas de mídia*, com fins de estabelecer sua crítica sobre as *lógicas de miatização* - que longe de se fazerem estabelecidas apenas no campos dos media, encontram-se nos diversos campos sociais, uma vez que

todos os setores sociais desenvolvem tentativas para se dotar dos recursos da mídia em suas interações , com uma variedade de motivações : eficiência interna dos processos; maior penetração na sociedade; obtenção de reconhecimento e validade; objetivo de participar ativamente da esfera pública. (BRAGA, 2014, p.16).

Por *lógicas de processos sociais*, Braga (Id., p. 19) entende que "estamos tratando de uma processualidade que não é aleatória nem dispersa, mas sim organizada, apresentando pelo menos algum grau de racionalidade. Daí a pertinência da palavra lógica ou mais habitualmente do plural lógicas".

O autor esclarece que tais lógicas podem advir de tentativas de processo - "na medida em que tais tentativas atendem, pelo menos parcialmente, aos objetivos e interesses que as moveram, vão sendo reiteradas e aperfeiçoadas" (Idem.) -, ou da materialidade das coisas - "[...] seja de coisas da natureza, seja de objetos técnicos disponíveis. Tais materiais determinariam os gestos e a coerência entre os usuários, e entre estes e os objetivos do processo" (Idem.). Em seguida, Braga atenta para o efetivamente *comunicacional*: "tais processos tentativos e sua incorporação na experiência se fazem através da comunicação social; e se desenvolvem, por sua vez, como contexto relevante dos episódios comunicacionais que se inscrevem nesses processos" (Braga, 2014, p. 19).

Por *lógicas de mídia* o autor entende que se tratam de práticas sociais estabelecidas desde o surgimento do rádio e da televisão, e que vêm caracterizando o que se entende por meios de comunicação e seus processos. Com isso foi sendo instituído o campo dos media, que,

com suas práticas, se organizou essencialmente como um processo empresarial, dados os custos das tecnologias e de produção envolvidos, das operações e organização de recursos humanos, de restrições técnicas - gerando fortes concentrações econômicas e, ao mesmo tempo, uma busca acentuada de maximização do público a ser abrangido (BRAGA, 2014, p. 21).

Desde então essas lógicas vem sofrendo mudanças, ao passo que outras vão se estabelecendo, na medida mesma em que a processualidade do comunicacional - como o próprio termo sugere - não se extingue. E de forma que os campos sociais e suas interações - sejam midiáticas ou não - só tendem a se multiplicar neste mundo híbrido, cíbrido, hipermediático e da valorização da experiência.

As "materialidades tecnológicas" irão compor o outro âmbito associado às *lógicas de mídia*:

dada uma busca obsessiva por eficiência em quase todos os setores de atividade social, tem se tornado impositivo o recurso a tecnologias crescentemente sofisticadas, em nossa era eletrônica — resultando em uma adesão dos mais diversos processos sociais às lógicas da mídia, nessa perspectiva da materialidade da tecnologia, de moldagem mais diversificada do que as ações através do campo dos media (BRAGA, 2014, p. 22).

É por conta desses dois movimentos, portanto, que se pode dizer que o campo dos media é detentor de certas regularidades, de modo a lhe evocar certa autonomia. Braga (2014, p. 22) apud Rodrigues (1990, p. 155) constata "a consolidação de um campo social específico, com seus capitais sociais de valor interno e externo, suas relações de força". Quanto às tecnologias e seus imbricamentos nas interações sociais, o autor assinala que tratar das lógicas da tecnologia é descrever como as interações associadas obedecem a elas, mas também as transformam, em concordância com o que diz Feenberg (2005, p. 57) sobre seus dois níveis de instrumentalização da tecnologia no espaço social - sendo eles o primário, em que a tecnologia invade e "impõe" sua lógica; e o secundário, momento em que os grupamentos sociais irão se apropriar dessa tecnologia e reinventá-la, através de processos sociais variados.

É nesse caldeirão de enfrentamentos, processos, recontextualizações, translações, circuitos e *ações comunicacionais* (Leite, 2009) que a midiatização vai tomando forma e se instituindo enquanto *processo interacional de referência* (Braga, 2006) da sociedade, não implicando dizer que há uma imposição - pelo menos não no sentido de Bourdieu, mas sim de imposição que destitui e relega - de um campo (dos media) sobre os demais.

Verifica-se, no contexto da sociedade midiatizada, uma "ampliação quantitativa do espaço de interações midiatizadas, tanto para o debate público como nas atividades de ordem privada. Crescentemente tudo passa a circular segundo processos midiáticos" (Braga, 2014, p. 25-28), uma vez que a sociedade procura interagir cada vez mais com a sociedade; e assim "constituem-se circuitos em que não só as fronteiras se tornam vagas, como também as lógicas de cada um desses âmbitos tensionam e invadem o outro", observando-se, então, que "o processo habitual da mídia, de descontextualização (relativo a

ancoragens de lugar e tempo) e de recontextualização (segundo os usos do produto em circulação) se modifica radicalmente".

É neste contexto que podemos pensar a *circulação*. Dentro da perspectiva do que se entende por Comunicação Social, o conceito assume hoje uma complexidade refletida pelas práticas interacionais da sociedade - cada vez mais *canhestras*, como afirma José Luiz Braga. O conceito, no entanto, passou por diversas angulações - desde a problemática dos efeitos, nos primeiros estudos de comunicação de massa - até chegar à sociedade midiaticizada em curso. Em trabalho seminal, Antonio Fausto Neto fornece um panorama detalhado sobre a evolução teórica do conceito e sua problematização dentro dos estudos de Comunicação.

Primeiramente, o autor fala sobre a *evolução do lugar da recepção*, lembrando que nos primeiros estudos de comunicação de massa havia uma ênfase (hoje desnecessária, ultrapassada) na questão dos *efeitos*, focalizando produtores e receptores de discursos como resultados de uma matemática exata (um ponto que vai de A até B, de forma transmissional unicamente). "Os vínculos entre emissores e produtores resultariam de uma ação em que os sujeitos estariam situados de modos distintos: o primeiro como acionador e o segundo como receptor" (FAUSTO NETO, 2010a, p. 56). Com isso, os efeitos resultantes desse modelo transmissional seriam o empreendimento de ações em equilíbrio, previsíveis; portanto uma comunicação "dura".

Sob esta perspectiva, as injunções decorrentes da relação sujeito-mídias estariam fora de cena. A circulação, neste momento, era vista "como uma espécie de 'zona insondável'". A "teoria das intenções" viria, em seguida, questionar de certa forma os "descompassos entre intenções das emissões e suas contrariedades", contribuindo para um avanço teórico-metodológico acerca da recepção e seu papel na cadeia discursiva/interacional.

Neste segundo momento, *a recepção age*. Esclarecendo: é consensual hoje que a recepção *sempre agiu*, sempre esteve dentro do complexo sistema de circulação que constitui o espaço social das interações, contribuindo para o seu avanço ou não, direta ou indiretamente. Porém neste segundo momento, na *sociedade dos meios* (termo cunhado por Fausto Neto para enfatizar o período em que a mídia evoca para si um papel de centralidade

e passa a disputar e tentar orientar as interações entre os diversos campos sociais a partir de *lógicas de mídia*, porém não de exclusividade como se pensava), a recepção ainda era vista sob a ótica aparentemente enraizada dos estudos funcionalistas, que a colocam como uma instância estanque, inerte.

Na visada teórica que o autor empreende em seguida, fala-se do escurecimento das "bordas" que antes teimavam em separar produtores e receptores, bordas que os distinguíam, os polarizavam. Sob esta nova luz epistemológica, o autor convida o leitor a examinar os discursos e seus alcances, bem como suas afetações, a partir da circulação como *dispositivo*:

a circulação – transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em ‘jogos complexos’ de oferta e de reconhecimento – é nomeada como dispositivo em que se realiza trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e não por linearidades. (FAUSTO NETO, 2010a, p. 63).

À noção da circulação como dispositivo o autor esclarece que “a associação [...] tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos, que engendram a ‘arquitetura comunicacional’ hoje” (Idem.). A essas alterações de caráter tecnológico previamente exploradas somam-se as novas lógicas inauguradas pela hipermídia. Santaella (2010, p.63) confirma que

as estruturas digitais híbridas de textos, imagens, áudios, vídeos e programações têm possibilitado a criação de uma lógica nunca antes explorada, uma lógica característica da hipermídia que é própria das redes nas quais os meios de produção, de armazenamento, de distribuição e de recepção se fundem em um todo complexo.

De modo que o sujeito se encontra deslocado de sua qualidade antes vista como central na tessitura dos discursos, passando a ser um ponto articulado dentro de uma rede mais complexa de ofertas, reconhecimentos, rearranjos e indeterminações que é a circulação. Como Verón (2004, p. 82) afirma, “o sujeito não é mais a ‘fonte’ do sentido, mas um ponto de passagem na circulação do sentido, um relé dentro da rede das práticas discursivas”.



Em um outro momento (Fausto Neto, 2013), discute-se a relação *linguagens x circulação*, para que se possa pensar a circulação e as linguagens no contexto da midiaticização, em que a primeira é vista como algo que une e faz movimentar acoplamentos tecnodiscursivos, através da mediação primeira das linguagens - e aí se faz referência não apenas às linguagens verbais. Sobre esta discussão, Braga (2012b, p. 9) fornece avanço teórico qualitativo quando percebe os modos como a recepção age e compõe o circuito, movimento/processo que ele denomina de *fluxo adiante*, que acontece de formas diversas; seja quando o produto em discussão é repostado para outros usuários (podendo ser modificado ou não), quando da elaboração de comentários - que podem estar em publicações, serem proferidos em conversas de bar -, [...] pela estimulação de debates, entre outras possibilidades, incluindo a circulação que se manifesta nas redes sociais digitais.

Ainda tomando a circulação nesta visada abrangente, o autor identifica que o produto midiático não é o ponto de partida do circuito, pois "não é o produto que 'circula' - mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta" (Braga, 2012b, p. 10). O produto midiático é um momento particular da circulação, pois como produto que 'permanece', pode continuar circulando e ser alvo de inferências sobre os processos aos quais se inscreve e gera.

Com o intuito de expandir um pouco mais a problemática, Jairo Ferreira defende a instituição da circulação como objeto de investigação da comunicação. A argumentação do autor leva a pensar, mais uma vez, sobre a crise epistemológica que sempre marcou os estudos em Comunicação. Ora, mas já não há insumos necessários para se pensar a circulação como um dispositivo e, deste modo, como processo comunicacional? Ou ainda, como parte determinante dos processos interacionais midiaticizados? Ferreira (2013, p. 142) afirma que

estuda a circulação é produzir inferências possíveis [...] sobre os valores (des)construídos socialmente a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos, adotando como referência preliminar o campo observacional constituído por materialidades difusas e distribuídas.

Em tal conjectura fica clara mais uma vez a complexidade do processo, bem como suas determinantes e variáveis. O autor defende em seguida que a circulação *é um problema investigável na distribuição intermediática e intramediática*. Esses dois novos conceitos tratam de dar conta dos circuitos que se processam entre dispositivos (intermediáticos - sejam de ordem subjetiva ou tecnológica) e no âmbito mesmo do dispositivo (intramediático). O exemplo claro em que esses dois processos ocorrem de forma simultânea - e portanto com potencialidade inferencial - é o Facebook. Sugerindo em seguida ser na circulação inter e intramediática o lugar onde é possível "ver" continuidade e ruptura em termos de valores (Ferreira, 2013, p. 144).

O autor vai colocar em questão, adiante, se a "inscrição dos receptores nos processos de produção [...] permite falar em ruptura entre indústria cultural massiva e redes digitais", e se também haveria uma ruptura epistemológica. A resposta vem com a reflexão de que a midiatização deve ser pensada em termos de circulação e que, desta forma, o paradigma estaria vencido e as rupturas estariam superadas. Decorre, portanto, que a midiatização, em tempos contemporâneos (Ibidem., p. 146-147),

se constitui em torno de uma nova problemática: produtores que ocupam posição de consumidores de produtos midiáticos, e de indivíduos-consumidores que passam a ocupar (nas chamadas redes sociais) posição de produtores (configurando o consumo produtivo ou produção consumidora).

E segue confirmando as reflexões atuais de que "esse processo ontológico é anterior ao momento contemporâneo, mas atualmente as possibilidades de apropriação dos dispositivos para realização dos processos circulares de produção <> consumo estão aceleradas com as tecnologias digitais."

### 3.1 O dispositivo circulatório

O termo pode ser visto nos textos de Fausto Neto sobre circulação. No entanto, *dispositivo circulatório* aqui é pensado enquanto matrizes socialmente realizadas que são

acionadas para uma dada interação (Braga, 2011a), bem como as respostas que se criam para as 'surpresas' do circuito, no ato mesmo em que elas se inscrevem.

Braga (2014, p. 27) observa que "o acionamento [...] de processos interacionais com uso de tecnologias midiáticas não se encontra regulado pelas práticas mais estabelecidas, gerando indefinições de todas as ordens". E ainda que "a comunicação é tentativa - se realiza probabilisticamente, com graus variados de sucesso". Observa-se que o *dispositivo circulatório* engloba os aspectos que escapam ao acionamento de padrões; incluem-se aí os elementos que surgem no ato mesmo de uma interação. Essas "surpresas" são determinantes para o movimento do dispositivo - tanto se para um movimento intermediário ou mediador, fazendo uso das nomenclaturas de Latour (2012) para se falar na ação/transformação ou não de elementos. Ou seja, as surpresas de um episódio podem ou não vir a transformar efetivamente uma interação - mas desde já compõem efetivamente o movimento, e com isso o processo comunicacional.

Assim, a sociedade também lida em seu cotidiano com *imprevisibilidades comunicacionais*; que se manifestam em atos, gestos, comentários, silenciamentos, constrangimentos, interpelações etc.; movimentos que são lidados/discutidos/transformados no ato mesmo em que se inscrevem, a partir do acionamento de novas variáveis - decorrentes, sem dúvida, do arsenal cultural de cada ator, mas não necessariamente a partir de matrizes propriamente ditas.

Nesta perspectiva, o dispositivo circulatório é composto de um elemento socialmente elaborado, anterior à interação - ou vários, a depender do episódio - e um elemento "surpresa", efetivamente em decorrência da natureza mesma experimental e indeterminada da circulação. De modo que não se pode dizer que é o episódio interacional que aciona o dispositivo, mas é sim a combinação de ação de ambos que vai determinar os rumos de uma interação. Portanto o dispositivo vai se caracterizar como um operador de variadas inscrições (socioantropológica, semiodiscursiva e tecnológica), como reflete Ferreira (2013, p. 148-151).

A noção de *dispositivo circulatório* aqui trabalhada contempla tanto padrões socialmente elaborados (anterior à interação e que são acionados num episódio; por exemplo, expressões retiradas do senso comum para concordar e/ou discordar de um

comentário em uma postagem numa Rede Social Digital, certos pontos de vista sobre determinado acontecimento e que reproduzem um padrão de resposta coletivo etc.), como também os elementos "surpresa" decorrentes da interação em si mesma - e que o ator deve lidar/transformar esses elementos a partir do acionamento de novas variáveis criadas naquele instante mesmo em que os elementos se processam, podendo a partir daí gerar desestabilizações no ator. Essas desestabilizações contribuirão para o movimento de resposta, ao passo que é na desestabilização que o ator interage.

Não se entende a palavra “desestabilização” como prerrogativa para insucesso. Desestabilização seria o resultado de uma provocação de um ator em relação ao outro, e seria o momento crucial em que um ator irá transformar o produto e dar continuidade ao fluxo comunicacional.

Logo, mesmo que “cada momento da circulação, por antecipar os seguintes, procura se adaptar previamente a estes” (BRAGA, 2012a, p. 7), imprevisibilidades comunicacionais ocorrem e levam a desestabilizações, gerando situações não previstas e que demandam investidas de ordem socioantropológica, semiodiscursiva e tecnológica para que os atores continuem a se inscrever nos circuitos. Vê-se, com isso, o funcionamento do dispositivo circulatório: a movimentação social de sentidos por meio de translações<sup>2</sup> que se processam a partir de matrizes socialmente elaboradas e que são acionadas para ação, juntamente com o enfrentamento (ou não) de imprevisibilidades comunicacionais – tensionando, com isso, campos e atores e fazendo ocorrer a circulação.

### 3.2 Interações Digitais

Buscamos nas reflexões de Simmel (1983), Goffman (2009 [1959]), Braga (2006, 2007, 2011), Braga (2012a), Sternberg (2012) e Postman (1994) as características que definem uma Interação Digital. Como ponto de partida, queremos deixar claro que tais

---

<sup>2</sup>Termo utilizado por Latour (2001, p. 356) para se referir "ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses", ou ainda, "a todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável à ocorrência de qualquer ação".

interações devem ser pensadas em perspectiva ecológica – como fenômenos que ocorrem numa ambiência que se processa e se expande continuamente (a Internet, a partir do ciberespaço).

Erving Goffman foi um dos primeiros sociólogos a refletir sobre as microinterações – ou seja, sobre o que caracteriza os seres sociais enquanto pertencentes a um coletivo: sua capacidade interacional. Goffman investiga o indivíduo como um ser de expressão, e cuja expressividade, portanto, se realiza de duas maneiras: de forma transmitida e emitida. “A primeira abrange os símbolos verbais [...] que ele usa propositadamente e tão só para veicular a informação que ele e os outros sabem estar ligada a esses símbolos” (GOFFMAN, 2009 [1959]). Já a segunda, para o autor, caracteriza-se por um espectro ampliado de ações, em que muitas delas são levadas a efeito por outras razões (Idem.) e que não necessariamente podem ser controladas pelo ator (gestos, expressões faciais, movimento de mãos, pés, cabeça, olhar etc).

O que vai diferir numa interação *online* é principalmente a ausência de expressividade emitida (que remete aos gestos, à linguagem corporal e outras características de expressão que se somam às verbais no momento da interação face a face). A expressividade do indivíduo fica restrita ao caráter de transmissão (do verbal, escrito), como enfatizou bem Adriana Braga em trabalhos recentes (Braga, 2006, 2007, 2011). Isso traz implicações que se refletem na própria natureza da interação digital – implicações decorrentes, dentre outras, da tecnologia empregada e sua ideologia, como discorre Neil Postman em seu seminal tratado sobre as tecnologias e suas implicações para a cultura, o chamado tecnopólio:

as novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem. (POSTMAN, 1994, p. 29).

Seguindo tal linha de reflexão, as interações digitais se caracterizam como o que define um ator social em um ambiente *online*; seu *socius* é condicionado pela escrita, dentro de um espaço determinado por lógicas derivadas da tecnologia facilitadora daquele

processo e dos demais atores que ali interagem; instituindo, assim, o dispositivo circulatório em ambientes de interação mediada por computador.

Quando não se pode pensar a interação digital como emitida (lembrando o que diz Goffman sobre os tipos de expressão do indivíduo), a interação é regulada *ainda mais* por processos tentativos (Braga, 2011), que procuram dar conta das interações e do ambiente em que se inscrevem. Sternberg (2012, p. 174) atenta bem para o fato de que “em ambientes de encontro ciber, as fronteiras tendem a ser demarcadas por padrões de comportamento, ao invés de propriedades físicas”<sup>3</sup>. Em perspectiva de circulação,

a processualidade rápida das redes, como sistemas de intensificação de circuitos, evidencia com mais clareza essa disseminação do “produto” em um ambiente mais amplo, menos estritamente percebido apenas como “sistema de elaboração de produtos”, mas sim como fluxo de circulação adiante, em que falas e escutas se inscrevem e se desenvolvem (BRAGA, 2012a, p. 8).

De forma complementar, o que se observa nas redes “é um encontro ampliado das mais diversas lógicas de interação social” (BRAGA, 2013, p. 164), ainda que limitadas pela linguagem verbal (pensando comentários em Redes Sociais Digitais como o Facebook, por exemplo). Com relação à tecnologia e suas implicações para as interações, estamos de acordo com a visão ecológica de Postman (1994, p. 27): “a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me a ‘ecológica’ no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total”.

#### **4 Uma proposta teórico-metodológica**

Após análise dos três grandes eixos compositivos da hipermídia propostos em Santaella (2010), elaboramos três categorias de análise empírica para se pensar as Interações Digitais. Não se pretende tornar tais categorias generalizáveis, a ponto de

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original: “[...] in cyber gathering places, boundaries tend to be marked by behavioral patterns rather than by physical properties”.

pretendê-las como metodologia a ser utilizada em todas e quaisquer análises empíricas que envolvam processos interacionais *online*. Sabemos das especificidades e do estágio atual do Campo da Comunicação. E justamente em razão disso, partimos do pressuposto de que tais categorias devem servir como um esforço inicial para a pesquisa empírica acerca de fenômenos comunicacionais *online*<sup>4</sup>.

## **- Eixos compositivos da hipermídia:**

- a. A hibridização dos processos sígnicos, códigos e mídias que a hipermídia aciona e que rebata na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberante que ela é capaz de produzir, na medida mesma em que o receptor ou leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização.
- b. [...] a hipermídia armazena informação e, por meio da interação do usuário, transmute-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o interator se coloca em posição de coautor. [...].
- c. A hipermídia é tecida por nós e nexos. Concentrando uma quantidade imensa e potencialmente infinita de informação, a hipermídia pode consistir de centenas e mesmo milhares de nós, com uma densa rede de nexos. Disso advém a grande flexibilidade do ato ao ler uma hipermídia, uma leitura sempre em trânsito. (SANTAELLA, 2010, p. 93).

## **- Categorias de análise propostas**

A. Em referência ao primeiro eixo estabelecido por Santaella, quando se fala no resultado que a hipermídia realiza no receptor ou leitor imersivo, pode-se apreender que o agente (aqui, o leitor) é atraído pelo discurso hipermidiático na medida mesma em que este se vê diante de uma variedade de possibilidades; em outras palavras, ao imergir num discurso hipermidiático (tomemos como exemplo os discursos que circulam no Facebook através de perfis/páginas de grandes mídias ou dos próprios leitores imersivos em ação por meio de suas postagens de cunho crítico acerca de determinado tema), esse leitor-ator-agente leva o

---

<sup>4</sup>Essas categorias servirão de pontapé inicial para se pensar os fenômenos comunicacionais *online*, em especial aqueles que se realizam nas Redes Sociais Digitais, em pesquisa a ser conduzida no Mestrado em Jornalismo da Graduate School of Journalism da University of British Columbia.

discurso adiante – o que Braga (2012a) denominou de *fluxo adiante* –; porém não o transporta apenas; esse leitor-ator-agente modifica/produz e coloca novamente em circuito esse discurso, que mesmo tendo sido produzido, já é resultado de um palimpsesto; uma vez que na circulação os discursos estão em construção permanente.

- **Primeira categoria:** analisar as Interações Digitais percebendo os modos como os discursos foram construídos, a partir das translações observadas.

B. Em relação ao segundo eixo, na medida em que um leitor-ator-agente interage – seja através de postagens próprias, seja através de comentários em outras postagens ou mesmo através do seu silenciamento diante de determinada interpelação ou de sua simples “curtida” não seguida de comentário (pensando o Facebook) – esse indivíduo está construindo um discurso social em trânsito, em que os papéis desempenhados também estarão sempre em trânsito, uma vez que as injunções do dispositivo circulatório se traduzem em nada mais que complexidades. Esse indivíduo faz parte de uma esfera maior de construção que está sempre em movimento, pois a comunicação é sempre tentativa (BRAGA, 2006) e relacional.

- **Segunda categoria:** analisar as Interações Digitais buscando perceber as falas-opiniões dos atores enquanto marcas discursivas que apontam para a composição do movimento. Assim, pode-se investigar esses discursos a partir dos constrangimentos comunicacionais, em que os atores em cena procuram regular as interações.

C. Em relação ao terceiro eixo de Santaella, não apenas a construção e os papéis estarão sempre em trânsito, mas de forma óbvia também o estará o ato de leitura desses discursos. A comunicação hipermediática se faz multilinear, tentativa, fragmentada, porém sempre em oferta – ao se submeter às tecnologias do disponível (os aparelhos móveis de comunicação que se conectam a internet quase que ininterruptamente). Assim, a circulação pode ser comparada ao sangue que corre por todas as nossas artérias: o discurso estará sempre em



retroalimentação; os sentidos estarão sempre à guisa da complexa dinâmica do dispositivo circulatório.

- **Terceira categoria:** Perceber os processos comunicacionais realizados nestes espaços como uma rede de nós, cada um representando atores inseridos em cenas interacionais diversas. A partir daí procurar perceber como as translações se processam e como um ator induz o outro à ação.

## Considerações finais

Não restam dúvidas de que a midiaticização se institui como processo interacional de referência da sociedade. A hipermídia, resultado da complexificação tecnológica que possibilitou o advento do ciberespaço, e aonde nele foi possível dispor num mesmo plano articulado as várias linguagens antes separadas por seus suportes (palavras, audio, vídeo e imagem), a partir da lógica codificadora dos bits em sequências numéricas compostas de 0 e 1, vem se expandindo de forma exponencial nas redes, à medida que novas potencialidades discursivas entram no jogo complexo da circulação. Especificamente no Facebook, Rede Social da Internet em que é possível ao usuário produzir, compartilhar e discutir as mensagens que ali são geradas e/ou reproduzidas a partir de outros espaços.

O conjunto de interações que se desenvolvem neste ambiente (Facebook), refletem-se num movimento indeterminado e ininterrupto que é o movimento do dispositivo circulatório. A circulação, aí, se processa através de uma distribuição intermediática (entre dispositivos) e intramediática (no próprio Facebook), como lembra Ferreira (2013). Nesse sentido, realizam-se interações mais orgânicas (do ponto de vista do eminentemente interacional), gerando circuitos múltiplos.

Ao refletirmos sobre dispositivo circulatório, percebemos que numa interação o dispositivo opera não apenas a partir de matrizes socialmente elaboradas, mas também a partir do enfrentamento de imprevisibilidades comunicacionais. Também afirmamos que um ator desestabilizado é um potencializador/viabilizador de fluxos. No Facebook, esse potencial se revela através da linguagem escrita eminentemente (através de comentários),

pela expressividade transmitida (Goffman, 2009 [1959]). Decorre daí que, em ambientes de interação digital, os processos comunicacionais se tornam ainda mais tentativos.

Procuramos estabelecer tentativas de categorização de dispositivos crítico-analíticos para se pensar a circulação na hipermídia/ciberespaço, ao passo que tais tentativas buscam contribuir para o pensamento epistemológico em comunicação, a partir de fenômenos empíricos específicos e que sugerem a aplicação dos conceitos aqui discutidos. Por fim, tentamos realizar primeiras inferências sobre a natureza dos processos, bem como dos movimentos/transformações que compõem os circuitos comunicacionais online.

## Referências

BRAGA, Adriana A. *Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais*. Desigualdade & diversidade (PUCRJ), v. 9, p. 95-104, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ciber-Cultura Feminina: interação social em um weblog*. E-Compós (Brasília), v. 9, p. 6, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interação Social e Apresentação do Self nos Weblogs*. Mediação, v. 5, p. 19-31, 2006.

BRAGA, José Luiz. *Lógicas da mídia, lógicas da mediatização?*. In: Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones - CIM, 2014, Rosario, Argentina. Investigaciones sobre mediatizaciones, 2014. p. 1-20.

\_\_\_\_\_. *La política de los internautas es producir circuitos*. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio. (Org.). *Las políticas de los internautas - nuevas formas de participación*. Buenos Aires: La Crujia, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Circuitos versus campos sociais*. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). *Mediação & Mediatização*. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Dispositivos Interacionais*. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. *Anais do Encontro Anual da Compós*. Brasília: Compós, 2011. v. 1. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. *Nem rara, nem ausente - tentativa*. In: *Matrizes*, v. 4, p. 65-81. São Paulo: USP, 2010.

FAUSTO NETO, Antonio. *Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?*. In: Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo; Fausto Neto, Antonio; Gomes, Pedro Gilberto. (Org.). *10 Perguntas para a produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

\_\_\_\_\_. *As bordas da circulação*. In: Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política. V.10, n. 20, 2010a.

\_\_\_\_\_. *A circulação além das bordas*. In: Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil e Argentina. Rosário, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos de uma analítica da midiatização*. In: Matrizes, Abril, n. 2, São Paulo: USP, 2008.

FEENBERG, Andrew. *Critical theory of technology: an overview*. Em: Tailoring biotechnologies. Vol. I, issue I, Winter 2005. pp. 47-64. Disponível em: <<https://www.sfu.ca/~andrewf/books/critbio.pdf>> Acessado em 27/01/2015.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. In: Braga, José Luiz; Ferreira, Jairo; Fausto Neto, Antonio; Gomes, Pedro Gilberto. (Org.). **10 Perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 [1959].

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Esperança de Pandora*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LEITE, Sandra Nunes. *A lógica midiática na ação comunicacional da inovação*. Maceió: EDUFAL, 2009.

NUNES, Pedro. Hipermissão: diversidades sócio-culturais e reconfigurações no ciberespaço . In: NUNES, Pedro (Org.). **Mídias Digitais & Interatividade**. João Pessoa: EDUFPB, 2009.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

STERNBERG, Janet. *Misbehavior in Cyber Places*. Maryland: University Press of America, 2012.

VERÓN, Eliseo. *Esquema para el análisis de la mediatización*. In: Revista Diálogos de La Comunicación, n. 48, Lima: Felafacs, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.